

O Sujeito de Cornelius Castoriadis e sua contribuição para o processo educativo

Aline Cristina Riffel

Resumo

Tomando como referência os estudos sobre psicanálise e filosofia, em especial o aprofundamento teórico das obras de Cornelius Castoriadis, reflete-se através dessa produção, uma visão contemporânea sobre o conceito de sujeito psicanalítico e como este conceito sustentado nas questões da subjetividade, da linguagem e do social podem ser aproveitadas no contexto educativo. Castoriadis agrega seu conceito do “para si”, considerando o sujeito como constituído pelo social, ao mesmo tempo que participa ativamente da constituição deste social. A história, as relações, as percepções, a vontade, as pulsões, o psíquico, o indivíduo e a sociedade são ao mesmo tempo instâncias individuais, e parte da totalidade do sujeito. O objetivo é identificar as características do sujeito de Cornelius Castoriadis e a contribuição desta perspectiva de interpretação para a educação e o processo de aprendizagem. Ao considerar as características do próprio indivíduo, de seu imaginário, de sua realidade social, história de vida e história da comunidade que o cerca, tudo isso visto na sua totalidade. Estamos pensando em possíveis formas de efetivamente “fazer educação”.

Palavras-chave: sujeito – subjetividade – linguagem – histórico-social – educação.

Introdução:

Ao iniciar as reflexões que norteiam a pesquisa me deparo com a fragilidade de uma possibilidade de interpretação do autor. Uma compreensão que é ao mesmo tempo densa e carregada de significados, ao passo que se torna superficial e nada além de uma interpretação dentro de meus limites individuais. O estudo de uma obra não nos permite conhecer o todo de um autor. É nada mais que uma incansável investigação, reflexão e compreensão, permanece refém das limitações de seu intérprete, a partir de seu contexto social e histórico. O texto sempre abrirá possibilidade de novas interpretações, levantando questões já abordadas e/ou inéditas, mas igualmente merecedoras de novas reflexões e construções de saber.

Nesta pesquisa procuro estabelecer as definições para o conceito de Sujeito elaboradas por Cornelius Castoriadis através de algumas de suas publicações. A pesquisa perpassa questões da Psicologia, da Psicanálise e da Filosofia, caracterizando a importância deste autor, e dos conceitos abordados, para educação. Não apenas em um sentido amplo de educação, mas relacionada a uma preocupação com a qualificação dos processos educativos e a efetiva aplicação destes no desenvolvimento dos alunos.

O pensamento de Cornelius Castoriadis organiza-se em uma série de publicações tendo o imaginário social como principal foco de suas reflexões. Cornelius Castoriadis (1922 – 1997), nasceu em 11 de março de 1922, em Constantinopla, mas mudou-se ainda bebê para

Atenas. Filósofo, pensador político, crítico social, psicanalista e economista, exerceu importantes papéis em Paris, e em suas críticas afirmava que todo cidadão é capaz de se autogovernar, não necessitando de governantes, autoridades políticas ou religiosas que façam isso por ele. Sem dúvida este é o aspecto mais discutido em todas as suas produções: a questão da autonomia. Participou ativamente em grupos de resistência à ditadura e ao comunismo, como *Socialismo ou Barbárie*, e escreveu por muitos anos com pseudônimo. Mesmo tendo diferentes características em sua escrita, permanece inevitavelmente discutindo as questões da autonomia em todas elas, e afirma sempre as questões da criação imaginária do social.

Herdeiro de vários autores e eminentemente crítico a todos ao mesmo tempo, afirmava que só há liberdade aonde possa haver sujeito. Por este motivo contribui com uma concepção muito original, associando o sujeito psicanalítico de Freud com a importância do social-histórico na constituição desse sujeito, afirmava que a história é uma criação do imaginário social. Em seus escritos reforça a concepção de auto gestão, plano de autonomia como algo que existe desde a antiguidade grega e que movimenta a evolução do homem. Sem destacar um autor específico como referência de suas pesquisas, constantemente reforça a impossibilidade de construção de algo novo do nada. Afirma que tudo é um processo de transformação e aperfeiçoamento de algo que já existiu anteriormente e até mesmo as interpretações filosóficas constituem-se neste viés: “nada é verdadeiramente determinável, que a exigência de determinação deve permanecer para sempre vazia e insatisfeita, porque toda determinação é contraditória” (Castoriadis, 1982, p. 211).

Em seu famoso livro “A Instituição Imaginária da Sociedade”, de 1982, Cornelius Castoriadis faz uma reflexão específica sobre a constituição do sujeito e a sua relação com a autonomia, explicando a autonomia do sujeito como sua capacidade de estar no intervalo entre o que ele deseja e o que o Outro deseja dele, realizando suas construções e escolhas a partir de um imaginário que é consciente. Ele também destaca a relação entre a autonomia e a formação do imaginário, que nada mais é o conceito psicanalítico que determina o fator criativo do sujeito. Castoriadis, 1982, p.124, afirma que “a característica fundamental do discurso do Outro, do ponto de vista que aqui interessa, é sua relação com o imaginário.”. E não o que é capaz de imaginar, criar e escolher a partir de ideias soltas, mas “Um sujeito autônomo é aquele que sabe ter boas razões para concluir: isso é bem verdadeiro, e: isso é

bem meu desejo.” (Castoriadis, 1982, p. 126). Este sujeito é o único capaz de racionalizar, refletir e deliberar.

A obra “Sujeito e Verdade no mundo social-histórico” é um conjunto de textos de seminários escritos e apresentados por Castoriadis entre 1986 e 1987 e publicadas em 2007. A julgar pela magnitude da obra projetada por Castoriadis, a compilação desses seminários pouco se assemelha ao sonho do pesquisador, mas possibilita que entendamos a relação de seus principais conceitos incluindo as questões do sujeito. Certamente por este motivo esta é uma das obras de maior referência para a presente pesquisa. Une-se a esta, como uma das publicações com destaque para questão do sujeito psicanalítico, a obra “As Encruzilhadas do Labirinto / 3 – O Mundo Fragmentado”. Nesta Castoriadis destina reflexões específicas sobre o indivíduo, a sociedade, a racionalidade e o sujeito hoje, afirmando que o mundo apresenta-se de fragmentado pelo distanciamento com as discussões filosóficas e a perda da capacidade de racionalização e reflexividade. Nesta obra o destaque é para a necessidade do pensamento reflexivo por parte do sujeito para a manutenção da democracia e da subjetividade.

Metodologia:

A pesquisa consiste na análise, interpretação e sistematização de algumas obras de Castoriadis, e outros autores, que convergem com suas percepções acerca do conceito de sujeito e os demais conceitos atrelados, como social-histórico, linguagem, subjetividade, racionalidade.

A proposta de trabalho utiliza uma abordagem eminentemente qualitativa, através, basicamente da pesquisa bibliográfica e documental. A partir das definições de Gil (2002) que “A pesquisa bibliográfica é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos.” (p. 44). Mesmo que todo e qualquer trabalho tenha necessariamente que estar sustentado, embasado, em referenciais bibliográficos, a pesquisa especificamente bibliográfica tem caráter diferenciado por “permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente” (Gil, 2002, p.45).

Reflexões e Discussões:

Ao iniciarmos as reflexões sobre o conceito de Sujeito de Cornelius Castoriadis, deparamo-nos com as questões da subjetividade. Castoriadis apropria-se da psicanálise

freudiana para estruturar os aspectos da subjetividade que nortearam sua teoria e relacionaram ao conceito de imaginário. Para ele a subjetividade possui três aspectos fundamentais: a linguagem, a reflexividade e a vontade (ou capacidade deliberada). E é a partir destes conceitos que tentaremos esclarecer quem é o “sujeito” de Castoriadis.

Num primeiro sentido, o “sujeito” apresenta-se como essa estranha totalidade, que não é uma e é uma ao mesmo tempo, composição paradoxal de um corpo biológico, de um ser social (indivíduo socialmente definido), de uma “pessoa” mais ou menos consciente, enfim, de uma psique inconsciente (de uma realidade psíquica e de um aparelho psíquico), tudo extremamente heterogêneo e, porém, definitivamente indissociável. Tal se apresenta a nós o fenômeno humano. Diante dessa nebulosa devemos pensar a questão do sujeito. (CASTORIADIS, 1987-1992, p. 205).

Respeitando as heranças da filosofia e da psicanálise Castoriadis agrega muitos significados ao sujeito, mas afirma que este só o é pelo caráter social. Individual e social não se dissociam, se complementam, se relacionam de forma interdependente. No dicionário de Psicanálise de Elisabeth Roudinesco e Michel Plon (1998) encontramos a definição do termo sujeito¹, certamente a mesma internalizada por Castoriadis e subscrita em seus estudos.

É empregado para designar ora um indivíduo, como alguém que é simultaneamente observador dos outros e observado por eles, ora uma instância com a qual é relacionado um predicado ou um atributo. (ROUDINESCO, 1998, p. 742)

A psicanálise freudiana expõe o surgimento do sujeito a partir da linguagem, seu movimento a partir da pulsão e afirma que a subjetividade abarca os espaços do inconsciente e do pré-consciente/consciente. Compreendê-los, ou pensar em todas as possibilidades humanas de compreensão, só existem a partir do estabelecimento de uma linguagem, que é ao mesmo tempo, anterior a nós, constituindo-se ao longo da história, e atual, construindo nossas possibilidades de comunicação e entendimento. Torna-se ao mesmo tempo constituinte e constituída pelo sujeito. A crítica de Castoriadis à psicanálise freudiana está na dificuldade de Freud em estabelecer o devido valor e importância ao social.

¹ Em filosofia desde René Descartes (1596-1650) e Immanuel Kant (174-1804) até Edmund Husserl (1859-1938), o sujeito é definido como o próprio homem enquanto fundamento de seus próprios pensamentos e atos. É pois, a essência da subjetividade humana, no que ela tem de universal e singular. Nessa acepção, própria da filosofia ocidental, o sujeito é definido como sujeito do conhecimento, do direito ou da consciência, ou seja essa consciência empírica, transcendental e fenomenológica. Em psicanálise, Sigmund Freud empregou o termo, mas somente Jacques Lacan, entre 1950 e 1965, conceituou a noção lógica e filosófica do sujeito no âmbito de sua teoria do significante, transformando o sujeito da consciência num sujeito do inconsciente, da ciência e do desejo. Foi em 1960, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo do inconsciente freudiano”, que Lacan, apoiando-se na teoria saussuriana do signo linguístico, enunciou sua concepção da relação do sujeito com o significante: “Um significante é aquilo que, representa o sujeito para outro significante.” Esse sujeito, segundo Lacan, está submetido ao processo freudiano de clivagem (do eu). (ROUDINESCO – Dicionário de Psicanálise, 1998, p. 742).

O consciente freudiano: pode se fazer dele o sujeito, ou o ponto de partida para o sujeito que nos interessa? Em parte, sem dúvida – o consciente diz “Eu”. Mas não totalmente. Quando se vê como funciona o consciente em Freud – nas partes fortes, carnudas, da teoria – constata-se que ele está ali essencialmente para operar as adaptações à realidade e para segurar as rédeas dos cavalos psíquicos que puxam em direções opostas. (CASTORIADIS, 1986-1987, p. 123)

A subjetividade não é apenas o sujeito, ou as características subjetivas de um sujeito, mas sim a possibilidade de compreender o que é fundamental, tudo que acontece ao nosso redor, estabelecendo relações de convívio social e conseqüentemente humano. Sob este viés a subjetividade torna-se o fundamento que possibilita toda e qualquer reflexão, o estabelecimento de relações, a compreensão da realidade.

Compreender o sentido daquilo que a obra diz é a possibilidade de descobrir outros modos de ser, ensaiar formas de criação de si que ultrapassem os modos de subjetivação disponíveis pela cultura ocidental e que ampliam o horizonte interpretativo. (HERMANN, 2014, p. 129)

Pensando nas questões estéticas da possibilidade de compreensão de mundo, podemos perceber o quanto a subjetividade é determinante neste processo. E como perceber a subjetividade em um mundo de transformações tão aceleradas, onde tão rápido quanto as informações são acessadas nas mídias (impresas e/ou digitais), mudam as compreensões, as expressões da linguagem e a própria objetividade do mundo?

Quando falamos da subjetividade, a unidade é a unidade de um projeto e de um propósito. Enquanto reflexividade e capacidade de atividade deliberada, eu me quer uno e me quero eu mesmo, quero ser autor ou co-autor essencial de minha própria vida, portanto, responsável também por essa vida, sem fazer dela uma tábula rasa que começa a cada instante *de novo*. (CASTORIADIS, 1986-1987, p. 233).

Se a subjetividade é relativa, a objetividade, na atualidade encontra-se no mesmo patamar. Aquilo, a objetividade, que deveria nos orientar, sustentar, esclarecer como da ordem do real e do “veritas” (verdade comprovada pela ciência/teoria da prova), também encontra-se no sintoma da modernidade líquida de Nietzsche (merecedora de outra reflexão).

Podemos pensar a subjetividade neste patamar reflexivo, de autotransformação, crescimento, evolução. Como diz a música “Apesar de tudo existe / Uma fonte de água pura / Quem beber daquela água / Não terá mais amargura” (Dança da Solidão – Paulinho da Viola/Mariza Monte). E desta, “crise” emana a educação, conceituada por Mário Osório como “o alargamento dos horizontes intelectual, relacional e expressivo, na dinâmica das

experiências vividas e na totalidade da aprendizagem da humanidade pelos homens.” (Marques, 1993, p.13).

Castoriadis aborda o sujeito, ou a subjetividade, a partir do termo “para si”. O “para si” é pensado e explicado a partir de quatro instancias, independentes mas interdependentes, todas existem, mas nenhuma se mantém sem a outra, numa completa relação de reciprocidade, são juntas a totalidade do sujeito. Às quatro instancias, ou “regiões”, do “para si” seriam o *vivente*, o *psíquico*, o *indivíduo social* e a *sociedade*. “Cada entidade singular participa de entidades de outros níveis; está integrada nelas – ou ela própria é formada pela integração de tais entidades.” (Castoriadis, 1987-1992, p. 2014). Isso valeria tanto ao pensarmos cada uma das instâncias dentro de si e em relação à mesma instância em outros, quanto para a totalidade do sujeito em relação à “si próprio” e aos outros “si próprio” aos quais convive. Independente da qualidade da relação. Seja ela positiva ou negativa.

é em função do acesso a essa subjetividade que o ser humano pode se pôr em causa, considerar-se como origem, por certo parcial, de sua história passada, e desejar também uma história por vir e querer ser seu co-autor, isto é, não ver nela a realização da vontade divina, o cumprimento das leis da história ou do destino da raça etc., mas a obra determinada pela atividade dos seres humanos, atividade na qual participa e que pode tentar, se o desejar, influenciar. (CASTORIADIS, 1986-1987, p. 231)

O psiquismo humano de Castoriadis não abandona a concepção freudiana, agrega posições kleinianas e de Aulagnier. Mesmo assim é sua, própria, considerando o social como estruturante, algo, o social, não reconhecido para psicanálise num primeiro momento. Na concepção de Castoriadis o psiquismo humano inicia como:

uma mônada psíquica fechada sobre ela mesma, que estoura durante uma fase triádica, depois atravessa uma fase edipiana, para chegar finalmente, graças aos diversos processos de sublimação, ao indivíduo social. (CASTORIADIS, 1987-1992, p. 217).

Freud dizia que quando uma criança nasce, ela é colocada em um “lugar narcísico” dos pais. Ao projetarem um ideal do “seu eu”, os pais constroem um “EU” ideal, no “ideal do eu”, onde está um “eu idealizado”. E a criança está nos primeiros tempos neste contexto de “Filho ideal”, em uma imagem de perfeição que os pais atribuem aos filhos. Tudo isto irá depender do “recorte cultural” desta família. Esta forma de ‘agir’ dos pais fará com que a criança, num primeiro momento, responda sempre ao que os pais esperam dela. Primeiramente ela não vê um sentido, porém, logo passa a corresponder àquilo a que é convocada (à provocação ao riso, a criança sorrirá), ocorrendo então a identificação especular. A partir desta, a criança dá os

seus primeiros passos na constituição do eu, da imagem corporal e também da agressividade. Registra-se então, a nível psíquico, imagens sustentadas pelo “grande Outro”, a representação psíquica dos traços de uma imagem, o que é, segundo Lacan, o “ímagô”.

A partir da palavra materna, ela irá criar a imagem de um “corpo que lhe pertence” (colocar o dedo no pé na boca). A mãe possui em seu discurso, uma totalidade corporal que será emprestada à criança. Gradualmente, esta vai criando “unidades de percepção” que vão construindo nela uma condição mais organizada, um “eu” apenas confundido com o “Outro” e não mais extensão deste.

A mãe é alguém que fala; [...] é um indivíduo social, e fala a língua de determinada sociedade, portadora de significações imaginárias específicas a essa sociedade. A mãe é a primeira, e importante, representante da sociedade junto ao recém-nascido; e como essa sociedade, qualquer que seja, participa enormemente da história humana, a mãe é junto ao recém-nascido o portador de milhares de gerações passadas. Esse processo de socialização começa no primeiro dia de vida – se não antes – e só termina com a morte, mesmo que pensemos que as etapas decisivas são as primeiras. (CASTORIADIS, 1987-1992, p.220).

Assumir uma imagem de sujeito humano se dá a partir de referências, que vamos receber de outros seres da mesma espécie. É uma conquista psíquica. A criança no encontro com o desejo familiar, a respeito dela, transforma-se no sujeito idealizado pelo desejo parental. De outro lado, o encontro da criança com a linguagem irá permitir que deixe de ser apenas um corpo no sentido orgânico, para ir se tornando um sujeito, enquanto psíquico.

O sujeito não se diz, mas é dito por alguém, existe pois como parte do mundo de um outro (certamente, por sua vez, travestido). O sujeito é dominado por um imaginário vivido como mais real que o real, ainda que não sabido como tal, precisamente *porque* não sabido como tal. (CASTORIADIS, 1982, p. 124).

Esta é a questão central à qual Castoriadis se apropria, a formação do sujeito está na linguagem, essa linguagem é social, e o primeiro social está na figura materna.

é sobre essas propriedades da imaginação radical que se escora psiquicamente a capacidade linguística do ser humano: esta pressupõe a faculdade do *quid pro quo*, de ver alguma coisa ali onde há outra. Por exemplo, poder “ver” um cão nos três fonemas, ou nas três letras dessa palavra; mas também não ver sempre a *mesma* coisa, portanto poder compreender a expressão “que tempo cão¹⁷”; e ainda poder ver um cão ou *dog*, quando se conhece inglês. (CASTORIADIS, 1987-1992, p. 216).

Segundo Garcia-Roza (1991) Freud apresenta a subjetividade como ponto fundamental de sua obra, afirmando que no campo da representação há “de um lado o

inconsciente e do outro o pré-consciente/consciente” (p. 197), continua destacando que o sujeito do consciente não é o mesmo do sujeito do inconsciente. Esta estrutura é aproveitada por Castoriadis (1987), e contestada

o consciente freudiano é caracterizado inicialmente por este raciocínio ou cálculo. O que não nos satisfaz inteiramente, pois queremos penetrar na idéia da subjetividade humana a idéia da reflexão ou da reflexividade. (CASTORIADIS, 1987, p. 123)

Faz-se mister destacar que a reflexividade, segundo as próprias palavras de Castoriadis, em “O mundo Fragmentado”, não pode ser simplesmente confundida com o pensamento. O sujeito pode pensar em absolutamente tudo ao mesmo tempo, mas fará escolhas, dependendo de sua vontade, sobre ao que irá destinar sua energia reflexiva. Que temas, decisões, irá optar, relaciona-se diretamente a sua capacidade de autogerenciamento, a sua autonomia, ao quanto foi instigado pelo social a evidenciar aspectos relevantes de suas escolhas.

o sujeito humano propriamente dito, o sujeito que é a mesmo tempo o meio (o ambiente), os meios e o fim (a finalidade) da cura. Esse sujeito não é simplesmente real, ele não é dado, ele está para ser feito, e ele se faz através de certas condições e em certas circunstâncias. O fim da análise é fazer o advir. O advir é uma possibilidade (abstrata) mas não uma fatalidade para todo ser humano: ele é *criação histórica* e criação cuja história podemos acompanhar. Esse sujeito, a *subjetividade humana*, é caracterizado pela *reflexividade* (que não se deve confundir com o simples “pensamento”) e pela *vontade* ou capacidade de ação deliberada, no sentido forte desse termo. (CASTORIADIS, 1987-1992, p. 207).

Não existe abrir mão dos conhecimentos prévios que já estão internalizados no indivíduo, mas é no coletivo que se constroem as reflexões e a revalidação dos saberes individuais, além é claro, do aprofundamento da tradição, do conhecimento e da cultura.

A história da humanidade, nesta perspectiva, é também a emergência, ao longo do seu curso, da reflexividade crítica e deliberativa, fruto da razão e da vontade humanas. A emergência da reflexividade foi revelando aos homens, no seu representar e no seu fazer sociais, a natureza *auto-criada* da sociedade, permitindo-lhes situarem-se como atores e autores críticos face ao que é, ao que foi e ao que poderia ter sido ou que poderá vir a ser. Não podendo mudar o que foi, é sempre possível mudar a maneira de ver e de avaliar o que foi, e pode-se contribuir para que o que *é* seja de outra forma. (CÓRDOVA, 2004, p.49/50).

Sempre há possibilidade de encontrar um novo sentido, ou uma nova interpretação, que vai se transformando a medida que a voz do passado nos apresenta mais detalhes de sua história. Jamais nos descolamos das tradições que verdadeiramente nos constituem, mas para tal, necessariamente precisamos ser profundamente conhecedores destas. Castoriadis (1982),

traz o conceito de que a verdade é “própria do sujeito é sempre participação a uma verdade que o ultrapassa, que se enraíza finalmente na sociedade e na história, mesmo quando o sujeito realiza sua autonomia.” (p.129).

Em uma reflexão mais ampla é possível pensar que não existe nenhum tipo de linearidade no humano, ou em tudo que está associado ao humano. Absolutamente tudo é composto por oscilações, altos e baixos, diferentes andamentos – ritmos – compreensões. Talvez por isso seja tão fundamental conhecer o que nos precedeu. Não com o intuito de encontrar a linearidade, a plena felicidade, ou qualquer sonho almejado. Mas com o intuito de optar pelas melhores escolhas, aquelas às quais as consequências vividas por outrem sejam mais amenas. Conhecer a história nos basta para manter a capacidade reflexiva, para “aguentar”, superar, recriar o social.

O termo “vontade”, tanto quanto o termo “sujeito” etc. tem uma reputação muito ruim; ele foi praticamente excluído da filosofia do século XIX. Mas, de fato, ele é ineliminável de qualquer filosofia, de qualquer política, de qualquer ética, e da psicanálise, apesar das aparências. (CASTORIADIS, 1986-1987, p. 131)

Nesta perspectiva Castoriadis destaca que ao sujeito é necessária a “vontade”, associada aos desejos, as pulsões. Todas as pulsões provocam “vontades”, para o bem ou para o mal. Associada a capacidade de agir de forma deliberada. Não em uma perspectiva de total liberdade, mas do exercício reflexivo para escolhas autônomas e racionais.

Conclusão:

Castoriadis é totalmente objetivo ao afirmar que a estrutura psicanalítica Freudiana que afirma a existência do consciente, do inconsciente, das instancias psíquicas, são parte constituinte do sujeito. Não chega, em nenhum momento, nas obras estudadas, a contradizer qualquer aspecto psicanalítico defendido por Freud e outros importantes psicanalistas freudianos. Apenas afirma que há uma lacuna no conceito de sujeito, que deve ser preenchida pelo aspecto social e histórico.

Começamos pelas instancias de dois tópicos freudianos. Diremos, de modo vago e bancando os ingênuos, que uma dessas instancias poderia desempenhar o papel do sujeito, por exemplo, o consciente ou o Eu consciente do segundo tópico. Nos dois casos, para a visão freudiana, essas instancias são um co-produto de dois fatores irreduzíveis um ao outro e indissociáveis – coisa que Freud não vê claramente. O primeiro fator é, decerto, a própria psique: emergência das instancias psíquicas, estratificação. O segundo é para ele um problema, mas ele não o aborda de frente. Trata-se

do social, que age por intermédio da mãe como instância social, delegada pela história humana em geral e pela sociedade onde vive. (CASTORIADIS, 1987, p. 122).

As questões da subjetividade e da linguagem estão carregadas de significantes criados pelo social², este que foi construído ao longo de toda história da humanidade, e vai sendo recriado a cada novo sujeito que passa a integrar esta sociedade. Podemos pensar no exemplo da música, uma forma de expressão que resulta de e em uma série de significados. Há na música uma combinação ilimitada de elementos pré-determinados pelos conceitos e elementos musicais e que invariavelmente são capazes de constituir uma infinidade de outras formas de representação. Estas acabam resultando em outra inumerável quantidade de estilos musicais, com características próprias e utilizando os mesmos elementos, composições inéditas, com caráter identificatório a outras já criadas e escritas anteriormente.

Cada sociedade, como cada ser ou espécie viva, estabelece (cria) seu *próprio mundo*, dentro do qual, naturalmente, ela “se” inclui. [...] é a instituição da sociedade que determina o que é “real” e o que não é, o que é “significativo” e o que não é. (CASTORIADIS, 1985, p. 30).

A Educação está diretamente relacionada à tradição, ao acesso à informação, reflexão, conhecimento. Nada se constrói do zero, há sempre uma história, um referencial, uma inspiração, um conhecimento prévio, e principalmente um grande potencial reflexivo. Este pode e deve ser estimulado, e se estabelece na alteridade, no diálogo, na identificação com o outro, como afirma Hermann “A linguagem é uma forma de vida que permite uma abertura ao outro.” (2014, p. 145). E reforça-se aqui a linguagem como as inúmeras formas de expressão, comunicação, relação humana.

As tendências atuais da educação contemplam mesclas entre diferentes concepções de educação, como o processo de desenvolvimento pessoal, individual, estendido ao social, político e ideológico, a chamada pedagogia institucional, a autogestão. A grande aposta da educação contemporânea é a relação desta com o social, a função social, seu caráter popular, socialista e democrático. Exatamente como Castoriadis pensa ser a estruturação do sujeito, contemplando aspectos da linguagem, do psíquico, do social e da vontade. Nesta perspectiva

² A mesma operação lógica, repetida um determinado número de vezes, também explicaria a totalidade da história humana e as diferentes formas de sociedade, que seriam apenas as diferentes combinações possível de um número finito dos mesmos elementos discretos. Esta combinatória elementar – que põe em ação as mesmas faculdades intelectuais que as utilizadas na construção de cubos mágicos ou de palavras cruzadas – deve cada vez dar-se como indiscutíveis tanto o conjunto finito de elementos a que se referem suas operações, como as oposições ou diferenças que postula entre eles. (CASTORIADIS, 1982, p. 205/206).

educativa, sustentada na dialética da educação contemporânea, no diálogo, nas associações, na autonomia e na participação coletiva, que Castoriadis sustenta seu pensamento sobre o papel da Pedagogia.

O objetivo da pedagogia não é ensinar matérias específicas, mas desenvolver a capacidade de aprender do sujeito – aprender a aprender, aprender a descobrir, aprender a inventar. Isso, evidentemente, a pedagogia não pode fazer sem ensinar certas matérias – tampouco a análise pode progredir sem as interpretações do analista. (CASTORIADIS, 1987-1992, p.156).

Corroborando com esta perspectiva Tavares afirma que “A educação para a autonomia é um processo formativo que se estende por toda a nossa vida” (200, p. 164). O objetivo da educação é fornecer todas as ferramentas (conhecimento, senso crítico e estético, poder inventivo, reconhecimento do imaginário pessoal, etc.) para que o indivíduo, sujeito, adulto ou criança, possa realizar suas escolhas de maneira coerente e ética. Castoriadis (1987-1992) traz as questões da racionalidade, da reflexividade e das sensações como este conjunto que constitui a totalidade do indivíduo, e afirma que “o essencial do comportamento individual é “racional” (ou progresso para a “racionalidade”) [...] o “indivíduo” na sua plenitude, com sua capacidade de “racionalidade”, mas também suas paixões, seus afetos, seus desejos, etc.” (p. 54), e o aprender está nesta concepção de totalidade, de coresponsabilização dos fatores para existência do processo de construção do conhecimento. O modelo de educação que mais se assemelha a este olhar de Castoriadis, a esta preocupação com o aprender a aprender, encontra-se nos Paradigmas Holonômicos de Educação.

Restaurar a totalidade do sujeito individual, valorizando a iniciativa, a criatividade, o micro e a singularidade, a complementaridade, a convergência. Os holistas sustentam o imaginário, a utopia, a imaginação, os fatores instituintes da sociedade. Uma proposta de Pedagogia da Unidade. Tendo a concepção de educação fundamentada na antropologia. Encontrando síntese em seu fundamento perdido historicamente. Ao considerar as características do próprio indivíduo, de seu imaginário, de sua realidade social, história de vida e história da comunidade que o cerca, tudo isso visto na sua totalidade. Estamos pensando em possíveis formas de efetivamente “fazer educação”.

Referências

DOR, J. **Introdução à leitura de Lacan: o inconsciente estruturado como linguagem.** Trad. Carlos Eduardo Reis. Porto Alegre: Artmed. 1989.

<http://pt.scribd.com/doc/112234028/Joel-Dor-Introducao-a-leitura-de-Lacan-O-inconsciente-estruturado-como-linguagem>

FREUD, Sigmund. **Vol. IX – “Gradiva” de Jensen e outros trabalhos (1906 – 1908)**. Obras Psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standar brasileira; traduzido do alemão e do inglês sob a direção geral de Jayme Salomão. – Rio de Janeiro: Imago, 1996.

CASTORIADIS, Cornelius. **A Instituição imaginária da sociedade**. Cornelius Castoriadis; tradução de Guy Reynaud; revisão técnica de Luiz Roberto Salinas Fortes. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982. (Coleção Rumos da cultura moderna; v.52)

_____, 1922 - **As Encruzilhadas do labirinto I**. Cornelius Castoriadis; tradução Carmen Sylvia Guedes, Rosa Maria Boaventura – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987. v. 2.

_____, 1922 - 1997 – **Sujeito e verdade no mundo social-histórico: Seminários 1986-1987: a criação humana I**. Cornelious Castoriadis; texto estabelecido, apresentado e editado por Enrique Escolar e Pascoal Vernay; tradução Eliana Aguiar. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

_____, (1922). **As encruzilhadas do labirinto, III: o mundo fragmentado**. / Cornelius Castoriadis: tradução Rosa Maria Boaventura. – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987 – 1992.

CÓRDOVA, Rogério de Andrade. **Instituição, educação e autonomia: na obra de Cornelius Castoriadis**. Brasília: Plano Editora, 2004.

HERMANN, Nadja. **Ética & educação: outra sensibilidade**. 1ª Ed. – Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

MARQUES, Mario Osorio. **Conhecimento e modernidade em reconstrução**. / Ijuí: Ed. UNIJUI, 1993. - 216 p.;

MENTE – CÉREBRO & FILOSOFIA. **Fundamentos para a compreensão contemporânea da Psique. Platão – Aristóteles 1.** 2ª Edição da série Mente, Cerebro e Filosofia. Editora Duetto Editorial Ltda. São Paulo. 2007.

RIBEIRO, Eduardo Ely Mendes. **Individualismo e Verdade em Descartes: o processo de estruturação do sujeito moderno** / Eduardo Ely Mendes Ribeiro. – Porto Alegre: EDIPUCRS, 1995. 91p. – (Coleção Filosofia; 29).

ROUDINESCO, Elisabete (1944). **Dicionário de Psicanálise** / Elisabete Roudinesco. Michel Plon; tradução Vera Ribeiro, Lucy Magalhães; supervisão da edição brasileira Marco Antônio Coutinho Jorge. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.

ROTOLO, Tatiana de Macedo Soares. **O elogio da política: práxis e autonomia no pensamento de Cornelius Castoriadis.** Orientador: Profº Dr. Paulo Cesar Nascimento. Tese apresentada ao Instituto de Ciência Política da Universidade de Brasília para Obtenção do título de Doutor em Ciência Política. 2011.

GARCIA-ROZA, Luiz Alfredo (1936-). **Introdução à metapsicologia freudiana** / Luiz Alfredo Garcia-Roza. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1991. V.2

GIL, Antonio Carlos, 1946. **Como elaborar projetos de pesquisa.** / Antonio Carlos Gil. – 4ª ed. – São Paulo: Atlas, 2002.

MARQUES, Mario Osorio. **Conhecimento e modernidade em reconstrução.** / Ijuí: Ed. UNIJUI, 1993. - 216 p.;

TAVARES, José Antônio Giusti. **Totalitarismo tardio: o caso do PT** / José Antônio Giusti Tavares. 2 ed. – Porto Alegre: Mercado Aberto, 2000. 224p.;